

O protagonismo de três mulheres na edição universitária brasileira¹

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto²

Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais

gabriellanair@gmail.com

Brasil

Sérgio Antônio Silva³

Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais

sergio.silva@uemg.br

Brasil

Resumo: A edição universitária, apesar de ter se desenvolvido tardiamente no Brasil, ocupa um espaço significativo no cenário editorial nacional, não apenas na produção de obras relevantes, como também na formação de profissionais e de autores. Diversas mulheres desempenharam e continuam a desempenhar papéis importantes na gestão dessas instituições, cuja atuação, porém, nem sempre consta na narrativa hegemônica e, por isso, nos deixa a impressão de ser menor ou menos qualificada. Neste artigo, no âmbito dos estudos da edição abordados sob uma perspectiva de gênero, é narrada a trajetória de três mulheres importantes na edição universitária no Brasil: Sônia Queiroz – Editora UFMG, Flávia Goulart Rosa – Edufba e Rita Argollo – Editus, bem como são descritas as contribuições ao desenvolvimento e profissionalização desse setor e as questões de gênero que perpassam essas histórias.

Palavras-chaves: Mulheres; edição universitária; gênero e edição; estudos editoriais.

INTRODUÇÃO

As políticas feministas do século XX trouxeram, como impacto, a crescente participação de mulheres na área editorial, que produzem livros sobre uma diversidade de assuntos.

¹ Este artigo faz parte de uma pesquisa em andamento, a partir das discussões realizadas no âmbito do grupo de pesquisa “Mulheres na Edição”, coordenado pelas pesquisadoras Ana Elisa Ribeiro, Maria do Rosário e Paula Renata Moreira (CEFET-MG). Mais detalhes sobre o grupo podem ser encontrados na página do Facebook: https://www.facebook.com/Mulhered/about/?ref=page_internal.

² Doutoranda e mestra em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), possui especializações em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia pelo Centro Universitário UNAE em Gestão Estratégica pela Fundação João Pinheiro (FJP), graduação em Administração Pública pela Escola de Governo da FJP e em Design Gráfico pela UEMG. Coordena a Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais desde 2018.

³ Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGD / UEMG. Graduado em Letras, com mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG. Pós-doutorado em História da Cultura pela Universidade Nova de Lisboa.

Historicamente, no Brasil, a edição é um terreno marcado pela presença masculina e familiar, no qual a tradição das casas editoriais frequentemente é passada de pai para filho. Somente a partir dos anos 1970 é que as mulheres puderam atuar de modo mais efetivo no setor, inclusive no âmbito universitário.

Percebe-se, desta forma, que o gênero não é um elemento neutro nas relações de trabalho no campo da edição, especialmente em se tratando de cargos de liderança, de maneira que muitas mulheres tiveram e ainda têm que abrir caminho, muitas vezes de forma quase anônima. Retratar essas trajetórias é tarefa fundamental, já que são poucos os registros, trazendo a falsa impressão de sua desimportância ou falta de autonomia.

No âmbito do presente artigo, foram entrevistadas três mulheres com experiência em gestão de editoras universitárias, em razão tanto de suas contribuições para o campo da edição quanto pela própria notoriedade das instituições. Foram realizadas pesquisa documental e entrevistas semi-estruturadas, por videoconferência, com Sônia Queiroz, uma das fundadoras da Editora UFMG, Flávia Goulart Rosa, que teve participação decisiva na criação da Edufba, e Rita Argollo, à frente da Editus. Os roteiros contemplavam desde questões sobre a biografia e atuação profissional dessas mulheres até questões de gênero e supostas dificuldades ou especificidades de seus contextos de atuação.

A Editora UFMG destaca-se no cenário editorial universitário brasileiro entre as mais profissionalizadas, comercializando suas obras com regularidade fiscal (emissão de nota fiscal) e possuindo um catálogo de mais de 1.300 obras. Sônia Queiroz foi uma das responsáveis pela estruturação e desenvolvimento da editora por quase uma década. Além disso, atuou e continua atuando em diversos projetos para formação profissional em editoração na UFMG, como o Laboratório de Edição da Faculdade de Letras e os Cadernos Viva Voz, que possuem em seu escopo os estudos de edição. A Edufba também é uma editora consolidada, tendo sido uma das três consorciadas que lideraram a implantação do projeto SciELO Livros⁴ e contabilizando mais de 800 títulos publicados. Flávia Goulart dirige atualmente a editora, e também possui uma extensa contribuição à área, tendo sido a primeira mulher a ocupar a Diretoria Executiva da

⁴ O Portal SciELO Livros foi lançado em 2012, visando à publicação on-line de coleções nacionais e temáticas de livros acadêmicos, com o objetivo de maximizar a visibilidade, acessibilidade, uso e impacto das pesquisas, ensaios e estudos que publicam. Atualmente, possui 1.434 títulos disponíveis: <http://books.scielo.org/>.

ABEU, de 2003 a 2005. Criada e implantada em 1996, a Editus – Editora da Uesc – se destaca no desenvolvimento de ações como o Editus Digital, em que, após seis meses de publicação, todos os livros passam a ser disponibilizados para *download* gratuito, e a promoção de eventos que incentivam a leitura, a exemplo de feiras e visitas em escolas e outros espaços. Rita Virginia Argollo é diretora da Editus desde 2012, além de presidir a ABEU desde 2019, tendo desenvolvido ações importantes na área editorial acadêmica, como as feiras virtuais da associação.

EDIÇÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

A edição universitária tem suas origens no contexto medieval, em que surgiram as primeiras *universitas*: “em função do ensino, o livro era instrumento vital para o trabalho e a própria essência da instituição” (Bufrem, 2001: 31). Com o advento da imprensa, foi conferida maior precisão às publicações e a concessão de direitos de reprodução, dando início ao conceito moderno de edição. Surgem, então, as primeiras editoras universitárias, de Oxford e Cambridge, fundadas, respectivamente, em 1478 e 1521, com o objetivo de publicar livros religiosos e de ensino (Bufrem y Garcia, 2014).

Desde então, a editoração universitária se desenvolveu também em outras universidades, principalmente na Europa, Estados Unidos e América Latina, acompanhando as inovações educacionais e tecnológicas e atreladas ao investimento público e privado em pesquisa. No Brasil, a consolidação das editoras universitárias ocorre tardiamente, na década de 1960, e se firma na década seguinte, tanto como uma evolução dos serviços gráficos prestados pelas imprensas universitárias, quanto devido ao crescimento e profissionalização do mercado editorial brasileiro (Bufrem, 2001; Marques Neto, 2000).

Desde os anos 1980, as editoras foram disseminadas nas universidades – em decorrência das novas possibilidades trazidas pela emergência das tecnologias de informação e comunicação –, e sua importância como forte elo entre a produção acadêmica e a sociedade fortalecida (Rocha, 2015).

Em 2017, o Brasil possuía cerca de 150 editoras universitárias (Deaecto y Martins Filho, 2017). Atualmente, 127 são associadas à ABEU. Por suas atividades, “as editoras universitárias tornam-se indispensáveis, apesar das limitações do seu alcance, especialmente como no Brasil, onde sua presença é recente” (Bufrem, 2001: 20).

Os livros produzidos nas universidades são de fundamental importância para a divulgação dos resultados da pesquisa científica, das ações de extensão e das atividades de ensino, parte fundamental do processo de “fazer ciência”, contribuindo para a definição de novos campos de estudos e para a troca e aprofundamento dos saberes. “Eles formam a infraestrutura básica por meio da qual pesquisadores e acadêmicos criam e transmitem o conhecimento e a compreensão que estão no cerne dessas disciplinas e os sustentam com saúde vibrante” (Jubb, 2017: 10, tradução dos autores).

Os projetos editoriais universitários têm, também, papel no desenvolvimento de novos autores, de edições experimentais e da crítica e avaliação contínua dos resultados das pesquisas. Ainda, podem voltar-se para as peculiaridades regionais, “de modo a conservar a cultura das minorias ou dos modos de vida intimidados pela industrialização” (Bufrem, 2001: 20).

Há poucas pesquisas consolidadas sobre a trajetória das mulheres no campo da edição universitária no Brasil, especialmente as que atuaram e atuam em posições de direção. Trevisan et ál. (2018) verificaram, em estudo cujo objeto de análise eram as editoras universitárias federais associadas à ABEU, que, dos 43 gestores dessas instituições, apenas 16 eram do sexo feminino (37,2%), concentradas principalmente na região sudeste do país. Conforme dados da própria associação em relação a todas as editoras filiadas, atualmente esse percentual aumenta para 41,7% (53 dos 127 cargos de direção são ocupados por mulheres).

Essa análise quantitativa, no entanto, é insuficiente para retratar as questões relacionadas ao gênero no campo da edição, já que, como afirma Sapiro (2019: 59), “o mundo das letras é também um lugar de observação das desigualdades entre os sexos e das clivagens de gênero”. No Brasil, a raridade de registros da história das mulheres editoras traz “impressão errônea de que essas personagens também não existiram” (Ribeiro, 2018a: 229). Dessa forma, há a necessidade de narrar as questões relacionadas a ser mulher em um campo tão masculino, principalmente no século XX.

A história das mulheres que desempenharam e continuam a desempenhar a coordenação das editoras universitárias se entrelaça à própria história da edição universitária no país, desde as décadas de 1970 e 1980 até os dias atuais. É o caso de Sônia Queiroz, diretora da Editora UFMG entre 1987 e 1995, Flávia Goulart Rosa, à

frente da Edufba desde 1998 e diretora de comunicação na atual gestão da ABEU, e Rita Argollo, que comanda a Editus desde 2012 e é presidente da ABEU desde 2019.

O OFÍCIO DO EDITOR UNIVERSITÁRIO

Pode-se afirmar que “os editores desempenham um papel essencial na mediação cultural inventando as fórmulas capazes de associar repertório textual e capacidade produtiva” (Chartier, 2002: 75). Assim como contribuíram para salvaguardar o patrimônio escrito da humanidade por meio de sua transformação em objetos duráveis e difundidos, também auxiliaram a dominar esse excesso, empregando instrumentos de seleção, classificação e hierarquização.

Nas editoras universitárias, ao contrário das editoras comerciais privadas, a atuação dos editores é pautada por dois pilares: uma política editorial, que orienta a definição e planejamento do escopo de publicações da instituição; e a existência de conselhos ou comissões editoriais, os quais compartilham com o editor as funções de seleção e hierarquização das obras e são capazes de legitimar e credibilizar as publicações produzidas (Medeiros, 2018). Ainda que a função de selecionar os originais seja compartilhada, os editores são responsáveis pelo planejamento e condução dos projetos editoriais (materializados na forma de catálogo), bem como a estruturação física e administrativa das editoras. Para tal, é necessário um profundo conhecimento e interesse pelo campo editorial, sendo possível afirmar que o editar “é mais uma arte do que uma técnica” (Bufrem, 2001: p. 148). Além de atuarem como agentes culturais, coordenando a criação e distribuição de produtos culturais, os editores universitários ainda acumulam as responsabilidades derivadas do trato com o bem-público, buscando otimizar os custos de produção e a rentabilização ou autossuficiência financeira de suas instituições.

Conforme apontado por Leilah Bufrem em levantamento realizado sobre as editoras universitárias nas décadas de 1980 e 1990, a própria denominação que designa o responsável pela editora varia de uma instituição para outra, bem como suas competências. Isso porque há uma discrepância entre as estruturas das editoras universitárias, tanto em relação à quantidade de funcionários, quanto à divisão de funções entre os membros da equipe e os conselhos editoriais. Assim, são comuns os termos diretor, diretor geral, diretor administrativo, coordenador geral, coordenador e

presidente. Em grande parte das vezes, o responsável é também o editor e o presidente do conselho editorial, cabendo a ele participar da tomada de decisão a respeito de questões editoriais e exercer as funções do setor editorial.

Não obstante as diferentes estruturas existentes, o editor universitário deve aliar as características de um bom administrador (como a capacidade de planejar e gerir equipes) às de um bom editor (com pleno domínio do processo de produção do livro). Isso normalmente em um contexto de dificuldades estruturais no qual as editoras foram sendo criadas nas instituições de ensino superior, “sem que as mínimas condições prévias lhes sejam dadas” (Bufrem, 2001: 148).

De acordo com Leilah Bufrem, “os responsáveis pelas editoras universitárias, na sua maioria, também aprenderam na prática, num processo de autodidatismo necessário especialmente pela natureza das instituições onde trabalham” (Bufrem, 2001: 149).

Em relação às nossas entrevistadas, é possível perceber que todas elas têm suas histórias imbricadas nesse cenário, tendo empreendido um grande esforço pessoal no sentido de encontrar a solução para questões não raro desconhecidas e inesperadas, com o objetivo de profissionalizar a edição universitária. O registro e o recontar dessas histórias é, nesse sentido, de extrema relevância, visto que, “embora o cargo de editor seja de maior importância e, pela sua natureza, essencial para a constituição e a permanência de uma editora, parece que ainda não foi lhe dado o seu devido valor” (Bufrem, 2001: 210).

Sônia Queiroz e a Editora UFMG⁵

Sônia Maria de Melo Queiroz possui uma extensa e exitosa trajetória profissional na UFMG, que já se aproxima de quatro décadas. A relação com a instituição, entretanto, começou antes, na década de 1970, como discente. Aluna do curso de Letras e apaixonada por poesia, Sônia desde cedo se envolveu no universo da produção e comercialização de livros. Primeiro rodando obras independentes assinadas por ela mesma e por amigos, na gráfica do DCE. Depois, na editora comercial Interlivros, onde teve oportunidade de transitar por todos os setores e etapas do processo de produção de obras.

⁵ Sônia Maria de Melo Queiroz, entrevistada pelos autores, 27 de janeiro de 2021.

Profissionalmente, a UFMG passou a fazer parte da vida de Sônia em 1983, aprovada em concurso docente na Faculdade de Letras. Alguns anos mais tarde, a convite do então reitor Cid Veloso, Sônia assumiu o Serviço Editorial da Universidade e a missão de transformá-lo em editora. Foram oito anos e meio à frente da Editora UFMG, conduzida de uma salinha com uma única máquina de escrever a uma das principais editoras universitárias do país.

Não bastassem o mérito de conseguir dar o *status* de editora ao que antes era um setor da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG e de elevá-la a um patamar de excelência, Sônia também foi responsável por outros grandes projetos, como a criação de coleções. A partir de um projeto gráfico desenvolvido por Glória Campos, em parceria com a equipe da Mangá Ilustração e Design, praticamente todo o catálogo da editora passou a seguir uma nova e mais moderna concepção material e visual, agregando valor a importantes textos científicos, filosóficos, didáticos e literários.

Essa, contudo, foi apenas uma das muitas parcerias que Sônia faz questão de recordar e mencionar ao falar de seu período à frente da Editora UFMG. Partindo dos conselhos, formados por professores da UFMG e essenciais à garantia da qualidade do material publicado, passando pelos funcionários técnicos e administrativos e chegando aos estagiários de preparação de originais, revisão de texto e produção gráfica.

Entre tantos profissionais destaca-se, pelo propósito deste artigo, Silvana Coser. Funcionária de carreira na Editora UFMG, atuou nos setores de marketing e vendas e, logo no primeiro mandato de Wander Melo Miranda, tornou-se vice-diretora, assumindo, assim, a função de editora.

Para Sônia, que ainda leciona na UFMG, coordena o Centro de Memória da Faculdade de Letras e foi diretamente responsável pela implantação do bacharelado em Edição no curso de Letras da instituição, ter galgado as posições que ocupou e ainda ocupa, do ponto de vista de uma análise de gênero, é fruto de um processo histórico e se deu sem dificuldades ou preconceitos: “se era até proibido para a mulher frequentar a escola, como ela iria se tornar editora de livros?”.

Horizonte aberto também encontrou a Editora UFMG nas décadas que se seguiram à gestão de Sônia Queiroz, muito graças à estruturação promovida por ela. Foram implementadas novas formas de venda, ampliando os canais de distribuição, e,

em 2019, a editora iniciou a produção de e-books. Atualmente, suas publicações são organizadas em selos com subdivisões em coleções e também com obras avulsas.

Flávia Goulart Rosa e a Edufba⁶

Nos mesmos anos 1970 em que Sônia Queiroz se dedicava à graduação em Letras na UFMG, a mais de 1.300 km de distância, em Salvador, Flávia Goulart cursava as cadeiras de Jornalismo na UFBA. Assim como a colega mineira, teve contato com o universo editorial ainda na graduação, como estagiária. Anos mais tarde, já mestre em Ciências da Informação, veio a efetivação como docente na Universidade e o envolvimento com, veja só, o embrião do que viria a ser a Edufba, o Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia.

Se, para Sônia, a missão de criar a Editora UFMG veio do reitor Cid Veloso, no caso de Flávia a tarefa foi recebida das mãos do reitor Rogério da Costa Vargens. E para dar cabo a ela, Flávia buscou formação técnica, especialmente nos cursos ofertados na Escola SENAI Theobaldo de Nigris⁷.

Outra circunstância que veio a calhar no período foi sua transferência para o curso de Design, vinculado à Escola de Belas Artes, onde pôde conciliar as tarefas letivas com a prática da edição.

À frente da transição de um centro editorial para uma editora, Flávia coordenou uma profissionalização do setor na Universidade, mas que não veio sem alguns traumas. O maior deles, segundo a entrevistada, foi a extinção da gráfica da instituição e o leilão dos equipamentos. Apesar de lamentar a decisão, Flávia explica que a situação fez com que a editora buscasse alternativas para a produção dos livros impressos, antecipando, por exemplo, uma tendência que só depois veio a se firmar no mercado, que é a impressão por demanda.

⁶ Flavia Goulart Mota Garcia Rosa, entrevistada pelos autores, 12 de fevereiro de 2021.

⁷ A Escola SENAI Theobaldo de Nigris tem sua origem em 1945, em São Paulo, sendo destinada à formação de aprendizes na área de Artes Gráficas. Em 1971, a partir de cooperação técnica com a Associação de Construtores Industriais de Máquinas Gráficas e Afins (ACIMGA), da Itália, passou a oferecer também o curso “Técnico em Artes Gráficas”. Atualmente, a escola oferece cursos superior e de pós-graduação relacionados à tecnologia gráfica, além de técnicos e à distância. Ver mais em: <https://grafica.sp.senai.br/institucional/1369/1368/sobre-a-escola>.

Outro aspecto inovador da trajetória da entrevistada e da Edufba deriva de sua pesquisa de doutorado⁸, que trata do acesso aberto e a disponibilização de conteúdo num repositório que, mais tarde, foi implantado pela Universidade com muito sucesso.

No tocante à visão feminina da profissão, Flávia se alinha a Sônia Queiroz para refutar qualquer traço de fragilidade na posição da mulher no contexto editorial, ainda que reconheça se tratar de um universo predominantemente masculino, especialmente por derivar da indústria gráfica. Por outro lado, Flávia também ressalta o que ela considera ser um “sexto sentido” feminino, uma sensibilidade que, no processo editorial, traria ganhos em relação à “aridez” supostamente masculina.

Essa aridez, segundo Flávia, persistiu por várias gerações nas editoras nacionais, tradicionalmente familiares, e ainda persiste especialmente na Bahia. O oásis seria mesmo a edição universitária, onde os principais desafios se concentram no desmonte dos serviços públicos, que afetam não só as editoras, mas as universidades como um todo.

Rita Argollo e a Editus⁹

Rita Argollo, assim como Flávia Goulart, é graduada em Jornalismo pela UFBA (1994). Natural de Ilhéus, mudou-se para Salvador já que a instituição com sede no município, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), não oferecia o curso. De volta à sua cidade natal, realizou especialização em História regional na UESC e, uma vez que esta já havia criado o curso de Comunicação, ingressou como professora substituta. Depois cursou o mestrado em Educação, com ênfase na prática de jornalismo impresso, e o doutorado também em Educação, estudando as interfaces entre comunicação e educação e a cibercultura.

Já concursada pela UESC, ocupou cargos de vice e coordenadora do curso de Comunicação e desenvolveu uma série de projetos, como a implantação da TV universitária, que culminaram no convite, em 2012, para dirigir a editora. Rita destaca que, embora não tivesse trabalhado ainda com editoração, havia a proximidade com o

⁸ O doutorado teve como tema *A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu Repositório Institucional: uma política de acesso aberto*, e foi orientado pelo Prof. Dr. Marcos Palacios e defendido em 2011 na UFBA.

⁹ Rita Virginia Argollo, entrevistada pelos autores, 15 de abril de 2021.

jornalismo e produção audiovisual, assim como o trabalho com imagens, fontes, direitos autorais etc.

Suas primeiras ações na editora tiveram como escopo, uma vez compreendidas as rotinas produtivas, a sistematização dos processos, a implantações de documentação (como contratos e termos) e a adoção de softwares especializados, com o objetivo de profissionalizar as práticas editoriais. Rita ressalta, nesse ponto, as dificuldades inerentes às instituições públicas, como na realização de processos licitatórios de compras: “Esse trabalho burocrático foi e é muito pesado”.

A gestão de Rita na Editus foi e tem sido marcada, ainda, pela realização de diversas iniciativas de promoção da editora e de formação de leitores, tanto presencialmente quanto pela utilização das redes sociais. Entre elas, a entrevistada destacou o “Lugar para ler”, que consiste na implantação de pequenas bibliotecas nos locais de maior movimentação dos discentes da universidade no campus; o “Editus na Escola” – visitas de professores autores de livros juvenis em escolas –; a parceria com a TV local para ações de leitura concomitantes à realização de concurso de redação; o “Projeto Leia”, em que pessoas convidadas leem trechos de livros do catálogo nas redes sociais; e o “Tá na mão”, adaptação de livros infantis para *stories* de Instagram.

Em relação ao recorte de gênero, quando perguntada se encontrou desafios pelo fato de ser mulher, Rita afirmou que sim, assim como todas as mulheres, porém que acabou desenvolvendo estratégias para lidar com as situações. Quando foi eleita presidente da ABEU, por exemplo, ouviu que “precisavam de uma mulher” no cargo, ao que respondeu: “estou assumindo não porque sou mulher, mas porque sou competente”.

Quanto aos rumos para a edição universitária brasileira, as oportunidades colocadas por Rita se coadunam com suas ações à frente da ABEU: a necessidade de promover o diálogo com outras instituições da América Latina, por meio, por exemplo, de catálogo compartilhado com a Associação de Editoras Universitárias da América Latina e Caribe (EULAC), e o desenvolvimento de ações de democratização do acesso, através de feiras e eventos virtuais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A edição, quando vista sob a perspectiva de gênero, ganha outra feição, invisível numa perspectiva pretensamente universalizante (Ribeiro, Pereira y Moreira, 2021). No caso

das mulheres editoras, esta própria expressão necessita ser reforçada, já que “editora” normalmente diz respeito às casas editoriais e, raramente, à mulher ou cargo ocupado por uma profissional do sexo feminino (Ribeiro, 2018b).

No Brasil e na América Latina, o campo editorial é marcado por uma administração tradicionalmente masculina, ainda que as mulheres sempre tenham desempenhado múltiplas tarefas (Mihal, Ribeiro y Szpilbarg, 2020: 11). Desse modo, as histórias das mulheres editoras ainda estão por ser narradas, de maneira a tornar visível sua contribuição para os avanços do mercado.

Neste texto, buscamos considerar as mulheres analisadas desde o que significa ser uma mulher editora universitária, passando pelo reconhecimento de suas contribuições na gestão editorial nacional, em uma reflexão sobre questões de gênero ligadas ao trabalho da edição.

A partir dos relatos, foi possível perceber que suas trajetórias coincidem com o que Ribeiro chama de *boom* de mulheres editoras no Brasil¹⁰. Ainda, a própria presença das mulheres nos espaços universitários também foi um movimento observado no país a partir dos anos 1960 e intensificado nas décadas seguintes (Alves et ál., 2017).

As três entrevistadas reconhecem que a questão do gênero tenha impacto no campo da edição, já que é uma área historicamente masculina, porém negaram que tenham encontrado dificuldades para ocuparem seus cargos em função do fato de serem mulheres, e afirmaram ter muito respeito dos pares, inclusive por “se imporem” e “não se deixarem subjugar”. Alguns dos depoimentos, sobre como tiveram que ajustar as vestimentas, ou o conteúdo e tom de suas falas, nos levam a questionar se não tiveram que lidar com traços evidentes da violência simbólica de que trata Bourdieu: “a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados” (Bourdieu, 2012:34).

As decisões do editor se materializam num plano que vai além da técnica, mas que inclui o reconhecimento de sua autoridade para propor um padrão classificativo do que é publicado (Medeiros, 2012: 36). Essa autoridade aparece como um esforço de construção que deriva do posicionamento e da atitude dessas mulheres frente aos desafios que lhes são impostos. Em outras palavras, a responsabilidade de reforçar a

¹⁰ Em seu texto, Ribeiro (2020) trata do surgimento de casas editoriais de livros literários fundadas e dirigidas por mulheres, em um cenário hegemonicamente masculino.

legitimidade e a autoridade dessas mulheres recai sobre elas, como se tivessem que provar que são iguais em direitos e competências.

Se, por um lado, o meio científico acaba por reproduzir estereótipos de gênero já consagrados – em que as mulheres foram expulsas do campo da objetividade “em função de sua sensibilidade, sua intuição, seu apego às coisas da alma etc.” (Lima e Souza, 2002: 77) –, por outro, essa própria “intuição feminina” estimula ou obriga a atenção e a vigilância “necessárias para prever os desejos ou pressentir os desacordos” (Bourdieu, 2012: 42).

Embora, conforme já mencionado, as análises estritamente quantitativas ainda sejam insuficientes para a compreensão das questões de gênero na edição, vale ressaltar que, até os dias de hoje, não alcançamos a paridade numérica entre homens e mulheres nas direções das editoras comerciais e universitárias.

Diante desse cenário, salientamos a pluralidade de mulheres à frente de editoras universitárias cuja história merece ser narrada, algumas delas indicadas pelas próprias entrevistadas, como é o caso de Silvana Coser, Maria do Carmo Guedes, Estela dos Santos e Leilah Bufrem, e tantas outras que deixaram e deixam a sua marca na produção e difusão de publicações universitárias no país.

REFERÊNCIAS

Alves, J. E. D. et ál., Meio século de feminismo e empoderamento das mulheres no contexto das transformações sociodemográficas do Brasil, em Blay, E. A.; Avelar, L. (Org.). *50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos*, São Paulo, EDUSP, 2017. pp. 15-54.

Bourdieu, P., *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

Bufrem, L. S., *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*, São Paulo, Edusp, 2001.

Bufrem, L. S.; Garcia, T. M. B., A editora universitária e o compromisso da universidade com as práticas de divulgação do conhecimento produzido, *Em Questão*, v. 20, n. 1, p. 151-164, 2014.

Chartier, Roger, *Os desafios da escrita*, São Paulo, Unesp, 2002.

Deaecto, Marisa Midori; Martins Filho, Plínio, *Livros e universidades*, São Paulo, Com-Arte, 2017.

Jubb, Michael, *Academic books and their future*. Arts and Humanities Research Council. British Library Academic. Book of the Future Project, 2017, https://academicbookfuture.files.wordpress.com/2017/06/academic-books-and-their-futures_jubb1.pdf [18 de agosto de 2021].

Lima e Souza, Angela Maria Freire de, O viés androcêntrico em biologia, em *Feminismo, ciência e tecnologia*, ed. Ana Alice Alcântara Costa e Cecilia Maria Bacellar Sardenberg, Salvador, REDOR, NEIM-FFCH, UFBA, 2002.

Marques Neto, J. C., A editora universitária, os livros do século XXI e seus leitores. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 4, n. 7, ago. 2000.

Medeiros, Nuno, Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição, *Revista Angolana de Sociologia* n. 9, 2012, pp. 33-48.

Medeiros, Nuno, O Mercado do Livro, a edição e a Universidade em Portugal: Traços Contemporâneos, em Deaecto, Marisa Midori; Martins Filho, Plínio, *Livros e universidades*, São Paulo, Com-Arte, 2017.

Mihal, Ivana; Ribeiro, Ana Elisa; Szpilbarg, Daniela, Introducción: Editoras y autorías: las mujeres en el mundo editorial latinoamericano, *Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación*, n. 107, 2020.

Ribeiro, Ana Elisa. Mulheres na edição: o caso de Tânia Diniz e o mural Mulheres Emergentes, *Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación*, n. 107, 2020.

Ribeiro, Ana Elisa, O apagamento das mulheres editoras, *Itinerários: Revista de Literatura*, Araraquara, n. 47, p. 229-232, jul./dez. 2018a. <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/10881/8099/36057> [7 de janeiro de 2021].

Ribeiro, Ana Elisa, Mulheres editoras de livros (literários): por um mapeamento preliminar no Brasil, em Gruszynski, Ana Cláudia; Martins, Bruno Guimarães; Gonçalves, Márcio Souza (org.), *Edição: agentes e objetos*, Belo Horizonte, PPGCOM UFMG, 2018b.

Ribeiro, Ana Elisa; Pereira, Maria do Rosário A.; Moreira, Renata (orgs.), *Prezada editora, mulheres no mercado editorial brasileiro*, Belo Horizonte, Contafios, Moinhos, 2021.

Rocha, Maria Amália, Considerações sobre o trabalho de uma editora universitária, *Acta Científica*, v. 24, n. 2, pp. 19-35, 2015.

Sapiro, Gisèle, *Sociologia da literatura*. Trad. Juçara Valentino, Belo Horizonte, Moinhos/Contafios, 2019.

Souza, Â. M. F. de L. e., O viés androcêntrico em biologia, em Costa, A. A. A.; Sardenberg, C. M. B. (org.), *Feminismo, ciência e tecnologia*, Salvador, REDOR, NEIM-FFCH, UFBA, 2002, pp. 77-88. <https://tinyurl.com/y3qbkox5> [7 de abril de 2021].

Trevisan, L. V. et ál., Análise do Perfil dos Gestores das Editoras Universitárias Federais Brasileiras Associadas à ABEU, *Revista de Administração do UNIFATEA*, n. 16, v. 16, jan./jun., 2018.